

## **DECADÊNCIA, MEDO E ASSOMBRAÇÕES**

**FRANCISCO SODERO TOLEDO**

O presente estudo procura resgatar o cenário de decadência na região pioneira da plantação de café no Vale do Paraíba Paulista, onde ficavam as “Cidades Mortas” de Monteiro Lobato.

Neste cenário focaliza alguns elementos pertencentes às estruturas mentais como o medo e as histórias de assombrações que foram herdadas das gerações passadas. São elementos com forte presença no imaginário coletivo que serviam como parâmetro para as práticas sociais.

Procura ainda demonstrar que estes aspectos da cultura imaterial popular acabam, por meio do fenômeno da reciprocidade, influenciando a cultura letrada das elites. Para a sua realização tomou-se como fonte privilegiada os “discursos” de famosos escritores valeparaibanos, especialmente Euclides da Cunha e Monteiro Lobato que conviveram e foram influenciados por esta realidade. Foram também utilizados como fontes os textos de Ruth Guimarães, Eugenia Sereno, Agostinho Ramos, Conceição Borges Ribeiro Camargo e Brito Broca.

### **1 - O CENÁRIO DE DECADÊNCIA NO VALE DO PARAIBA**

#### **A decadência do Café**

No início do século XX o Vale do Paraíba ainda era conhecido pela presença marcante da atividade cafeeira. Gozava do prestígio por ter sido o pioneiro na produção de café em território paulista.

As primeiras plantações foram feitas ao final do século XVIII, na região das “garupas”, à beira da Estrada Real: Caminho Novo da Piedade, caracterizada pelos “mares de morros”. Corresponde à parte do território regional onde estão localizados os municípios de Bananal, Arapeí, São José do Barreiro, Areias, Queluz e Silveiras, denominada de “Vale Histórico”. Desde então continuou sua marcha pela região sendo plantado nos demais municípios por onde as condições geográficas eram favoráveis.

Na metade do século XIX a hegemonia da produção regional pertencia a estes municípios. Em 1854 os municípios de Bananal e Areias, com produção respectiva de 554.600 e 386.094 arrobas, respectivamente, eram os maiores produtores de café. Os demais municípios localizavam-se na nova área produtora, a bacia terciária de Taubaté, que se estendia da cidade de Cachoeira Paulista à cidade de Jacareí, acompanhando o leito do Rio Paraíba e posteriormente cortada pela ferrovia.

As condições favoráveis à economia cafeeira verificadas na segunda metade do século XIX estimularam o aumento da produção. Assim, verifica-se que nas décadas de 1870-1880, o Vale viveu o apogeu da economia cafeeira e ao mesmo tempo ocorreu um deslocamento do centro geográfico das plantações. A produção de São Paulo ultrapassou a produção do Rio de Janeiro e a produção no planalto paulista começou a concorrer para logo assumir a liderança na produção. Situação que se acentuou no período republicano.

No início do século seguinte a situação se inverteria. A produção cafeeira entrava em decadência. Já nos primeiros anos a produção do Vale do Paraíba correspondia a menos de 20% do total da produção do Estado. Situação resultante do avanço das plantações por outras regiões concorrentes, da crise geral verificada nos quadros da superprodução nacional e de problemas enfrentados pelos produtores da região. Tendência que se confirma quando, em 1920, o total da produção da região representava apenas 3,47% do total da produção do Estado de São Paulo.

Além da concorrência das novas e mais produtivas áreas cafeeiras, da superprodução acompanhada da baixa de preços no mercado internacional, a situação cafeeira no Vale do Paraíba enfrentou problemas específicos, ampliando a crise no setor. Parte da região, principalmente na área pioneira das “garupas”, caracterizada pelos “mares de morros” enfrentava o problema do esgotamento do solo. No início as plantações foram ali realizadas com sucesso. Derrubada a mata virgem ficava o húmus propício aos cafeeiros. As plantações eram feitas em linhas retas, nas chamadas “ruas de café”. Com o passar do tempo a erosão atuava retirando o húmus empobrecendo o solo, provocando, em prazo não muito longo, a decadência das plantações.

No final do século a economia cafeeira regional ressentia-se do duro golpe da abolição. Ela significou o empobrecimento dos fazendeiros que perderam parte de seus capitais investidos e provocou enormes dificuldades para a colheita, pela falta de mão-de-obra que se seguiu. Situação agravada com a emigração para as novas regiões produtoras e pela imigração tardia. Quando as tentativas de colonização européia, principalmente italiana, nos municípios de Canas, Guaratinguetá, Taubaté e Jacareí vingaram, a produção do café estava em crise, expandindo-se para outras regiões. Para elas também se dirigiram numerosos cafeeicultores, levando consigo família, agregados e trabalhadores rurais. “O patrão corria atrás do empregado”, como afirma Motta Sobrinho. A falta de braços se acentuava e os jornais passam a estampar anúncios, como na Gazetinha, da cidade de Guaratinguetá, em 1896, dizendo: “Precisa-se de muitos empreiteiros para a limpa de cafezais com mato de menos de um mês... A colheita de café será começada depois da Semana Santa... Os pagamentos serão feitos aos sábados” (Motta Sobrinho, 1967, 112)

A crise pela qual passava a cafeeicultura na região provocou a diminuição da produção e um forte declínio do faturamento com a venda do produto. Principalmente tomando-se como base os últimos anos do século XIX (1886) e as duas primeiras décadas do século XX, (1920), quando a produção dos doze maiores produtores da região diminuiu de um total de 1.756.000 arrobas para 495.747 arrobas. Ou seja, a produção no conjunto dos municípios, em pouco mais de três décadas chegou a apenas 28,23% do total da produção alcançada ao final do século XIX.

A queda do faturamento com o café, entre os anos de 1886 a 1920, foi da ordem de 31%, a queda da produção da ordem de 71,77% e a diminuição na participação da produção em relação ao restante do Estado da ordem de 82,65%. Com estes dados pode-se concluir que a região do Vale do Paraíba na primeira década do século XX encontrava-se estagnada diante de um cenário de decadência da produção de café e de incertezas quanto ao rumo de sua economia. Ele passou a viver numa região que o café povoou, enriqueceu e abandonou antes que criasse raízes mais profundas para o progresso.

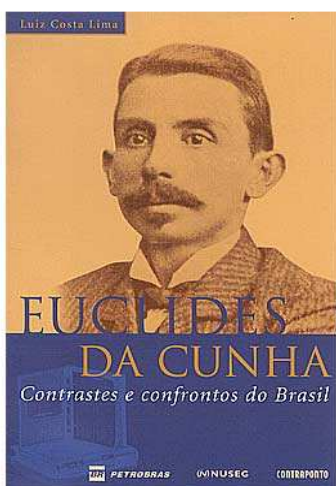
## “As Cidades Mortas”

O cenário de decadência marcava a antiga área produtora de café e chamava a atenção de seus visitantes. Entre eles, dois dos maiores literatos brasileiros que ali estiveram neste tempo. Euclides da Cunha como engenheiro de obras pelos anos de 1902 e 1903 e Monteiro Lobato que residiu em Areias a partir do ano de 1907, após assumir o cargo público de Promotor do município.

Em seus textos descrevem estes lugares e as impressões que lhes causaram.

Euclides da Cunha, no artigo “Entre as Ruínas”, descreve-o com clareza: *“Quem saltar em qualquer das estações da Central no trecho paulista, a partir de Cachoeira, entra quase de improviso em lugares que lhe não recordam mais as bordas pinturescas do Paraíba. A terra, uma terra antiga cortada pela estrada três vezes secular que ia do Rio a São Paulo, vai tornando-se cada vez mais desabrigada e pobre”*

Nela, como escreveu em Contrastes e Confrontos:



*As estradas são ermas. De longe um caminhante. Mas também um decaído. Não é daqueles caboclos rijos e mateiros que abriram neste Vale as picadas atrevidas das bandeiras. O caipira desfigurado, sem o desempenho dos titãs bronzeados que lhe formam a linguagem obscura e heróica, saúda-nos com uma humildade revoltante, esboçando o momo de um sorriso deplorável, deixa-nos mais apreensivo como se vivêssemos uma ruína maior por cima daquela enorme ruinação da terra.”* (In Sodero Toledo, 2001, p. 109)

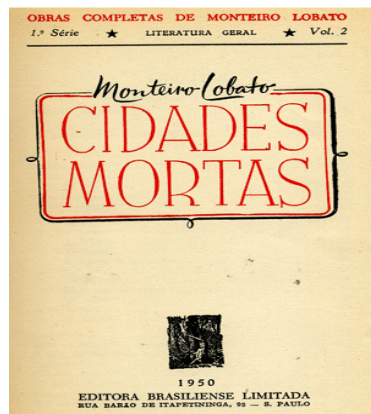
Euclides foi tocado pelas histórias e estado de decadência da região. São deste período os artigos: “Entre Ruínas”, publicado em seu livro “Contrastes e Confortos”, onde trata das suas viagens pelo Vale do Paraíba”, retratando a *“tristeza dos ermos desolados”*, com as *“cruzes sucessivas que a espaços aparecem às margens, dos velhos cafezais, das estradas ermas”*, onde de *“longe em longe um caminhante... mas também um decaído”*.

Neste cenário produz a crônica sob o título “Numa volta do Passado”, publicado pela Revista Kosmos, no Rio de Janeiro, em 1908. Nela trata do encontro do homem do povo com o futuro imperador em sua volta de São Paulo, no ano de 1822. Ali traça o contraste comovente de *“todas as sombras de um povo que morreu errante, sobre uma natureza em ruínas”*, vivendo sob *“as pancadas monótonas do monjolo”*.

Monteiro Lobato, que tão bem as conheceu e por ali viveu na década seguinte escreveu com sagacidade em “Cidades Mortas” que:

*“Ali tudo foi, nada é.*

*...Erguem-se nelas soberbos casarões apalaçados, de um ou dois andares, sólidos como fortalezas, tudo pedra, cal e cabiúna; casarões que lembram ossaturas de megatérios, d’onde as carnes, o sangue, a vida para sempre desertaram... São os palácios mortos da cidade morta.*



*Atraídos pelas terras novas, de feracidade sedutora, abandonaram-na seus filhos; só permaneceram os de vontade anemiada, débeis, faquirianos. Mesmeiros, que todos os dias fazem as mesmas coisas, dormem o mesmo sono, sonham os mesmos sonhos, comem as mesmas comidas, comentam os mesmos assuntos, esperam o mesmo correio, gabam passada prosperidade, lamuriam do presente e pitam-pitam longos*

*cigarrões de palha, matadores do tempo.*" (Monteiro Lobato, 1951, p.10-11)

### **Contrastes com as cidades em processo de modernização**

Os efeitos da crise cafeeira foram sentidos inicialmente nas cidades localizadas na área das garupas, *"empobrecidas pela decadência do café e marginalizadas pelo deslocamento do eixo de circulação pelo traçado da E. F. Central do Brasil...bruxoleavam" nas primeiras décadas do século. São as "cidades mortas" de Monteiro Lobato.*" (Müller, 1969,107)

A redução da produção foi acompanhada da estagnação e diminuição da população. Os habitantes da área estudada, em 1920, correspondiam a 71,89% do contingente existente em 1900. Um decréscimo da ordem de 28,11%. Se comparado com o restante da região do Vale do Paraíba estes números tornam-se mais expressivos. No conjunto populacional da região a sua participação passou de 12,23 para 7,48, ou seja, diminuiu em 38,84%.

As cidades entraram em processo de estagnação, paradas no tempo. Itaoca, cidade morta descrita por Monteiro Lobato era *"uma grande família, com presunção de cidade."* O motivo, explica Lobato, é dado pela sua localização: *"distava duas léguas da via férrea e quarenta da capital"* (Monteiro Lobato, 1951,6-7)

A imagem traçada por Euclides e Lobato, dois grandes literatos que conviveram com esta realidade nos primeiros anos do século XX, confirma a situação de declínio vivido por seus habitantes.

A terra foi apresentada por ambos como empobrecida, decadente, melancólica, abandonada pelos seus filhos mais ilustres e empreendedores. O homem identificado como preguiçoso, hospitaleiro, místico, mesmeiro, ingênuo, triste, ligado ao caráter rural, fatalista e conservador.

Ambos, a partir de sua formação acadêmica e do contraste com o cenário urbano, dinâmico e modernizador das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo onde realizaram seus estudos superiores, apontaram as marcas da decadência da região e criaram o apanágio de "cidades mortas" às cidades desta parte da região do Vale do Paraíba.

Um cenário que contrastava com as demais cidades da região, cortada pela Estrada de Ferro. Era a antiga ferrovia D. Pedro II inaugurada em 7 de julho de 1877. Este acontecimento mudou a fisionomia da sociedade valeparaibana. A ferrovia serviu de alavanca para o desenvolvimento das cidades por onde passava. Foi usada como meio de transporte e comunicação entre São Paulo e Rio de Janeiro, duas das mais importantes capitais do país. Com ela surgiram novas atividades econômicas, expandiu o comércio, gerou novas ocupações urbanas, tornando-se novo referencial para o desenvolvimento das cidades e de sua malha urbana.

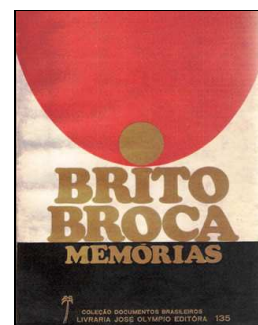
Aos poucos, as cidades cortadas pela estrada de ferro, *“iam-se modernizando, perdendo suas características de cidades coloniais e adquirindo aspectos de cidades evoluídas, do século XX”* (Müller, 1969,67-109). Foram sendo realizados melhoramentos urbanos, tomando-se mais cuidado com a higiene pública, com a limpeza e organização destes centros urbanos. A vida urbana mais intensa provoca o aparecimento de atividades de lazer, abertura de escolas, intensifica a atividade comercial e incentiva a abertura de unidades fabris.

No entanto, estudiosos chamam a atenção para a manutenção do *ar ruralizado* que caracterizam as cidades de então. As propriedades urbanas, com seus pomares e hortas, são uma transposição do campo para a cidade. Acentua esse aspecto o intenso tráfego de carros-de-boi e das tropas que garantem o abastecimento do comércio local. Não havia limpeza nem iluminação pública. A iluminação existente era a querosene, formada por lâmpões belgas, excetuadas as noites de luar. A iluminação elétrica chegaria alguns anos depois. Para o abastecimento de água recorriam-se às bicas. Esgoto sanitário nem se cogitava, correndo os dejetos sempre a céu aberto em direção aos córregos e ribeirões. Não havia calçamento.

Brito Broca, em seu livro *“Memórias”*, recorda Guaratinguetá da sua infância, no início do século XX. Procurou reconstruir a sua província, a sua cidade que era ao mesmo tempo rural e urbana. Por meio de suas memórias pode-se reconhecer que:



*“A cidade ainda não tinha perdido totalmente o seu jeito de vila e o seu contato com o campo. As ruas e os bairros ainda eram extensões das casas e os vizinhos eram meio como parentes de todos. Os bairros periféricos terminavam onde começavam os campos, os sítios, a roça. ... As mulheres cuidavam das casas. As avós contavam histórias de assombrações, do saci e do tempo dos escravos.”* (Addeo, 2011,40)



O cenário regional no início do século passado era caracterizado pela presença das “cidades mortas” e pelas cidades cortadas pela estrada de ferro que prosseguiram seu ritmo de desenvolvimento, apesar da crise cafeeira. Apenas Bananal figura na lista dos municípios mais populosos, no ano de 1890, ocupando o terceiro lugar. Após o início do século XX, as cidades cortadas pela ferrovia vão se afirmando como as mais populosas da região. Mantiveram nas primeiras décadas a produção de café associada ao crescimento das atividades comerciais e industriais. As cidades de Guaratinguetá, Taubaté e Pindamonhangaba revezam nas primeiras colocações, acompanhadas de

idades sedes de municípios de grande extensão territorial, como Cunha, Paraibuna e São Luiz do Paraitinga que diversificam suas produções para atender a demanda do mercado regional em crescimento.

Euclides da Cunha para acompanhar e fiscalizar as obras públicas a partir de Lorena em direção às divisas com o Estado do Rio de Janeiro realizava a viagem em duas etapas: primeiro ia de trem até a estação de Cachoeira Paulista ou Queluz e delas, de troleu ou a cavalo, partia em direção às cidades de Silveiras, Areias, São José do Barreiro e Bananal. Percorria então o trecho da velha Estrada Real: Caminho Novo da Piedade que tomaria no final dos anos de 1920 o nome de rodovia Washington Luís. Era uma estrada de difícil conservação devido às condições acidentadas do terreno formado pelos “mares de morros”. Por isto vivia em permanente estado de abandono, sem apresentar o menor conforto a que teria se submetido Euclides em suas várias viagens por estas cidades.

Nas palavras de Luís Pena, a velha estrada imperial:

*“...era uma azinhaga tortuosa, já larga, já estreita, cheia de altibaixos, modorrando por entre terras cansadas, a cujas margens se erguia, raro em raro, uma casinha de sapé mar barreada a sopapo. A espaços, porteiras lerdas, gemedeiras, dando início a veredas mal abertas, que conduziam a velhas fazendas, de telhados desbeijados, taperas que iam se esboroando aos poucos, vítimas da incúria e do mau gosto.*

*A estrada-mestra, aliás, não raro se confundia com aqueles caminhos de fazenda, pois se esmirrava, a trechos, em carredouros ladeados de corrupias e arranha-gatos mal foiceados, num permanente atentado contra os cavaleiros inexpertos. O solo sulcado durante as chuvas pelas rodas ferradas dos carros de boi – carros de rodelo de madeira e eixo móvel- ou retalhadas patas das alimárias, transformavam-se nas secas numa sucessão de torrões e “panelas”, tal como se por ele houvesse passado uma destocadeira.*

*...Carrear ou tropeirar (e viajar, grifo nosso) por aquelas estradas vinha a ser tarefa exibidora mais do que simples disposição para o trabalho: era mister que demandava perícia e coragem.” (Pena, 2002, p. 47/48)*

## **2 – MEDO E ASSOMBRAÇÕES**

*“Porque o caipira crendeiro, por menos célere que siga e por mais que o fustiguem os aguaceiros e os ventos, não para a suas portas”  
(das casas em ruínas)*

Euclides da Cunha

### **Os filhos do medo**

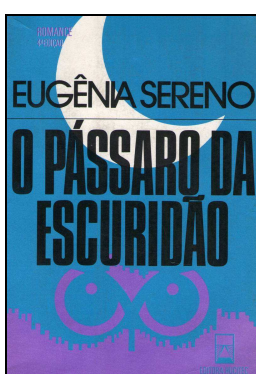
Os afamados escritores valeparaibanos citados registraram o cenário de decadência de parte da região no início do século XX. Os mesmos, como outros escritores não menos famosos entre a intelectualidade regional, anotaram também o caráter místico e fantasioso de seu povo.

O medo e a religião formam as bases para a compreensão dos aspectos culturais. A religião católica como um complexo cultural que desde os tempos primórdios da ocupação do território desempenha papel determinante na organização social e no cotidiano das pessoas. Ela oferece uma explicação cósmica do mundo, oferece caminhos e atua como elemento modelador de atitudes. Os causos, os contos, as lendas carregam este sentimento, expondo os medos, as incertezas que aumentam diante do desconhecido. As orações e práticas religiosas trazem alívio às dores, proteção e esperança aos devotos.

O medo, como apresenta Jean Delumeau em sua obra História do Medo no Ocidente, é um sentimento natural que nos acompanha por toda a nossa existência, e não seria possível pensar a condição humana sem estes pares primordiais: medo e esperança. A força do medo influencia sem dúvida alguma os comportamentos e práticas sociais de indivíduos e de grupos.



A escritora Ruth Guimarães vai mais adiante ao afirmar: o nosso caboclo é filho do medo. Sua afirmação foi retratada com maestria em sua famosa obra literária “Os Filhos do Medo”. Segundo ela, foi o medo que criou as sociedades primitivas. E continuava a exercer seu fascínio no mundo rural, ainda não tocado pela energia elétrica, das noites de breu quando a lua se escondia por detrás das nuvens, ou de lua cheia das sextas-feiras. Como escreveu: *“o nosso caboclo guardou muito do culto lunar. Relaciona a lua, e muitas vezes com razão, a todas as fases da vida e a todos os acontecimentos. Não corta sapé na lua nova.”*(Guimarães, 1950, p.25)



Sobre esta paisagem de medo também se debruçou a escritora Eugênia Sereno em sua obra O pássaro da Escuridão. Parte de sua experiência de vida e mergulha no medo dos habitantes de um pequeno burgo, a sua Mororó. No seu cotidiano marcado por personagens presos ao meio rural, encravado no alto da Serra da Mantiqueira. Nela, a noite é de horror. Nem bem escurecia se podia ouvir a vozeria de alma penada, a falação de assombração, a gemoação de fantasmas, a latição do lobisomem, o ruído do corpo seco e algazarra do saci. horror. A sexta-feira então e, como escreveu:

*“noite suspeita, de muito segredo e poder e onde tudo parece andar à escuta. Cães solitários dormem nos becos. As ruas estão desertas, infinitamente abandonadas, com a mágoa e a morte passando pelas portas. Nenhum telhadinho fumegando. O mulheiro, aflitadamente, aferrolhou as portas do casario lívido ao luar, examinou as janelas baixinhas com gretas, depois de rezar o credospadre de trás para frente. D. Sidrônia de seu Severo Cabrito, antes de dormir,*

*queimou uma vela benta, estremecente e de claridade apática, perante o registro do oratório. Por causa que poderá haver sob o luar clamores e choros de anjinho-pagão ou recém-nascido morrido sem batismo. E esturro de lobisomem, babando brasa da beijorra pendida, estrompidando as ferrugentas correntes. E assombração sofrente, sem nome e sem nexo, com o corpo de cabra e cauda de cobra, a falar pela boca-da-noite. E jurupari medonho, uma hora disfarçado em negro bode de barbicha, outra hora fantasiado em fornicador gatarrão, de rabo duro e pirilâmpico olho mau, a fosforear no escuro, miando na meiáguas...e tudo que é raça de assombrações que têm, pindongando pelas abestegadas ruelas mortas e tortas, rondando os portais, fazendo tremer a luz das lamparinas do casario...Afora o vento, com capeta na cacunda e saci no pé, ralhando assoviado no piaçabal, dando corpo ao imponderável furor selvagíneo.* (Serenó, 1978, p.300-301)

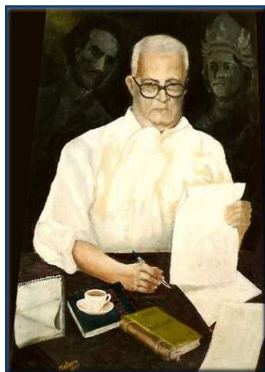
Somente o raiar de um novo dia trazia o trabalho e as alegrias do despertar pelo canto dos galos nas madrugadas, anunciando o alvorecer. Durante o dia o som do repique dos sinos quebrava a monotonia dos lugarejos. Anunciava a hora da missa e dos dias festivos ou chorava a dor da partida, chorando seus mortos.

### **As assombrações**

O misticismo do caboclo, aliado à imaginação e ao medo, abriam espaço para o aparecimento de figuras lendárias que se perpetuam na memória oral por intermédio das lendas, dos contos e dos “causos” de assombrações.

São pensamentos fantasiosos que segundo Norbert Elias *“ajudam nas a aliviar uma situação de outro modo insuportável, na qual se encontram inteiramente expostas, como crianças pequenas, as forças misteriosas e incontroláveis.* ( Elias, 1994,p.70)

O escritores regionais deixaram registrados em suas obras a presença de assombrações e figuras misteriosas existentes no universo mental da população. Agostinho Ramos anotou a lenda da fazenda assombrada:



*“Havia nesta nossa Cachoeira a lenda corrente de uma certa fazenda assombrada. A estrada poeirenta e deserta, ladeada de cruces, onde em noite de lua clara se ouvem tropéis e se vêem diademas de boitatás para a festa dos duendes. E o caboclo cabisbaixo faz o “pelosinal” e reza o “Senhor Amado” ou o “Creio em Deus Padre” de trás para diante. Ei-la na encosta noturna – a casa grande abandonada, a antiga estância morta. E as ruínas falam, e os espectros se alinham e começa a marcha batida e o desfile fantástico e cambaleante das senzalas e paióis, terreiros e unhas de pedra, boiadas e currais, pomar e engenho, moinho e monjolo, a bica de água e a porteira “ringideira”, o quarto dos arreios e cangalhas, a varanda e a*

*grande cozinha de chão, o fogaréu, o canavial e o córrego entabocado. E as festas de São João e de fartura, os pares bailantes nas mazurcas e polcas, nas quadrilhas, lanceiros e gerais, nos salões de candelabro e lampiões belgas; e o catira das tulhas – o repique do sapateado, dos “rasgados” de viola, arrepios de pandeiro, a grande fogueira e o jongo semi-bárbaro, sons rouquinhos do “candongueiro” – e o velho negro a dar pontos e a desatar pontos, tramelando os crendeiros: “a andorinha canta no cangerá” – “ eu quero saravá”.* (Ramos, 2002, p. 70/71)

Outro “causo” é registrado pela escritora Conceição Borges de Camargo, no Putim:



*“Esses casos e lendas recolhi de pessoas idosas, que “viram”, que souberam. Viram um trole sair da várzea, entrar na ponte e aparecer de outro lado. E a porteira da ponte, fechada a cadeado”.*

*“Viram um boitatá que, em certas noites, ficava na estaca da ponte. Brilhava tanto que até refletia no Paraíba. Mas, o cobrador Chico de Paula era valente por ter sido feito em fazenda de escravos. E, uma noite, resolveu ver o “boitatá” de perto, mas, o “boitatá” mudou de repente e pulou em um pau de “guamixama” e foi se apagando, se apagando...Disse Chico de*

*Paula que era um vaga-lume, mas, disseram todos que o Chico de Paula quebrou o “ encanto” do “boitatá”, porque nunca mais ele brilhou, nunca mais ele “tomou” água do Paraíba.”* (Ribeiro, 2002, p. 45)

A razão da quebra do encanto pode ser explicado pelas superstições lendárias de que o “assombrado” não pode ver a luz de vela ou lamparina. Luz nenhuma, ele é da escuridão.

### **Histórias e “causos” de assombrações**

Todo dia era dia de histórias. Bastava um encontro dos tropeiros pelas estradas ou ranchos de tropas, nos dias de festas nas comunidades, dos encontros das comadres e compadres e lá vinham às histórias de assombrações. À tardezinha, após logo dia de trabalho, era a hora de se reunir para contar as novidades do dia, falar sobre religião, política dos principais acontecimentos e contar causos. Na medida que a noite ia aumentando formava um ambiente favorável para as histórias dos mal assombrados e aumentava a credibilidade do narrador, que por sua vez era acompanhado por outros narradores exercitando a memória e ampliando o universo dos contos. Portanto, a grande maioria dos causos de assombramento eram narrados à

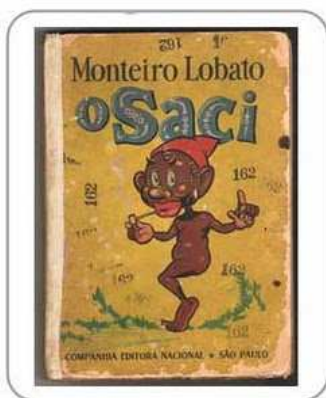
noite, período de escuridão e de mistérios. Como não havia luz, a não ser a luz do luar, desabrochavam instintivamente o medo, a insegurança

Neste universo rural ou semi-rural a escuridão noturna era rompida por vezes por um lampião ou alguma aparição de luz repentina. O escuro e a noite são povoados por fantasmas e outros malefícios. Ambos representam a incerteza, fazem ouvir e ver coisas questionáveis, inexplicáveis pela razão. Motivado pelo medo o homem diante de um barulho, de um sinal estranho, que não lhe é familiar pode transformá-lo em um espírito que vaga enquanto aguarda o descanso eterno, de uma alma penada pedindo ajuda. O sobrenatural dá origem às explicações míticas, baseadas em crenças e no misticismo.

Dentre as histórias preferidas estavam as do diabo, “do coisa ruim”, da mula sem cabeça e do saci pererê. Este último foi registrado em prosa e verso. Dele se ocuparam os escritores Monteiro Lobato e Ruth Guimarães.

Monteiro Lobato em sua obra “O Saci” relata as diabruras do negrinho de uma perna só. Que tem as mãos furadas e que, pelos furos faz passar as brasas com que acende o pito. O diabinho de bom humor que roda nos redemoinhos e faz mil coisas diabólicas e depois que morre, vira orelha de pau.

Lobato apresenta o saci pela fala do Tio Barnabé que no alto de seus 80 anos representa a tradição ao contar para Pedrinho –



- O saci – começou ele – é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reinações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. Traz sempre na boca um pitinho aceso, e na cabeça uma carapuça vermelha. A força dele está na carapuça, como a força de Sansão estava nos cabelos. Quem consegue tomar e esconder a carapuça de um saci fica por toda a vida senhor de um pequeno escravo.

- Mas que reinações ele faz? – indagou o menino.

- Quantas pode – respondeu o negro.

– Azeda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos. Bota moscas na sopa, queima o feijão que

está no fogo, gora os ovos das ninhadas. Quando encontra um prego, vira ele de ponta pra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça. Disse Tio Barnabé.

- E a gente consegue ver o saci?

- Como não? Eu, por exemplo, já vi muitos. Ainda no mês passado andou por aqui um saci mexendo comigo – por sinal lhe dei uma lição de mestre....” (Saci Pererê na versão de Monteiro Lobato, UOL, 2011)

A escritora Ruth Guimarães registra vários “causos” ou contos do Saci pelo Vale do Paraíba, entre os anos de 1930 a 1940, no seu precioso livro “Os Filhos do Medo”:



*“Diz-se que, quando está ventando muito, sai vira-virando num pé só. Já viram como o vento parece assobiar nos redemoinhos? Pois é o saci que assobia. Diz-se que o saci senta no cabo das caçarolas, quando se está arrebetando pipoca e reza. Todos os grãos de milho rezados, em vez de pipoca viram piruá. Também reza os ovos nos ninhos, quando as galinhas estão no choco. Os ovos goram. Esconde as coisas e ri, quando a pessoa que as perdeu diz nomes feios.*

*... O saci faz a gente tropeçar para dizer palavrões. Dá nó no rabo dos cavalos. Pede fogo aos viadantes. Esturra o feijão. Chupa o sangue dos animais. Entorna o leite no fogo. Estraga as plantações. Faz queimar os balões. Pula na garupa dos cavalos, desassossegando-os. Pega qualquer alimária à noite, trança-lhe a crina, para se segurar bem, e sai em cima dela, agachado, a galope, pelos campos.”* (Guimarães, 1950, p.222)



Eugênia Sereno se estende por diversas páginas a discorrer sobre o Saci. Utiliza de sua personagem, a velha negra Tanásia, preservadora da tradição oral para relatar as travessuras do negrinho. Ela explica que para saber onde tem saci é só observar o pé de vento com redemoinho de cisco e folha seca indicando o caminho.

### **“O caipira crendeiro”**

Ao percorrer a antiga área cafeeira Euclides defrontou a sua formação positivista com o misticismo e a religiosidade popular do homem da região. Um contraste que lhe chamou à atenção e serviu de elemento para compor sua ficção, principalmente no artigo “Entre as Ruínas”.

Ao viajante, como escreveu, por mais incrédulo que fosse, ao passar por aquelas estradas seria *“invadido pela tristeza daqueles ermos desolados. E deparando de momento em momento as cruces sucessivas que a espaços aparecem às margens do caminho, tem a impressão de calcar um antigo chão de batalhas..”*

Ao caipira acostumado a este cenário, com medo e desconfiança, não toca em imagens das santas-cruzes, procura fugir dos locais mal assombrados, das casas sinistras.



*“Porque o caipira crendeiro...segue, desabaladamente, sem desfitar as esporas dos flancos dos cavalos, fazendo o “pelo sinal”, e fugindo.... Nem um olhar para a vivenda sinistra e malassombrada, onde imagina coisas pavorosas: constante pervagar de sombras; choros plangentes; ulular golpeante de espectros merencórios; aparições macabras; longo arrastamento de correntes; a adoidados sabás das almas vagabundas; e cabeças, e pernas, e braços; que despencam dos tetos e rompem das paredes, fundindo-se, improvisadamente, em demônios horrorosos.... E quem, curioso e incrédulo, as procura, justifica-lhe os temores.”*

(Euclides da Cunha; in Pasin, 2002, p. 294, 308 e 310)

Quem porém as conhece justifica os temores do “caipira crendeiro” e será “invadido pelas crenças ingênuas dos caipiras”, como escreveu Euclides. Não voltará mais. Segue seu caminho, caminha pelos morros, atravessa outras fazendas antigas, encontra outras casas desertas e pobres, e, muitas santas-cruzes à beira dos caminhos “como se andasse pelas avenidas de um velhíssimo cemitério”. Era preciso muita coragem para passar pelos lugares mal assombrados, onde podiam ser encontradas almas penadas que perambulam sem rumo, as mulas-sem-cabeça ou o lobisomem à meia-noite da sexta-feira de lua cheia.

Em “Numa Volta do Passado” volta a escrever sobre as assombrações:

*“Na estrada que passava naquelas mesmas trilhas quase impraticáveis balisadas de santas cruzeiras agoeirentas e onde disparam em pinchos desabalados as mulas-sem-cabeça da bronca mitologia sertaneja.”*

### 3 – CULTURA POPULAR E ERUDITA

Os antigos burgos da outrora próspera área pioneira de café no Estado de São Paulo viviam um cenário de ruínas no início do século passado. Era a decadência sócio-econômica decorrente do declínio da produção do precioso grão. A região que o café povoou, enriqueceu e abandonou antes que criasse raízes mais profundas para o progresso.

A sua população reunia-se costumeiramente para falar sobre os assuntos comuns e inusitados do cotidiano inescapável. Contavam causos e transmitiam suas práticas costumeiras. A transmissão eram feitas pelas gerações mais velhas para as mais jovens por meio verbal, com forte conotação e expressão pessoal. As histórias iam sendo repetidas acabando por fazer parte da memória coletiva.

Os contos ou causos de assombrações acabavam por predominar durante as longas conversas. Eram favorecidas pela escuridão noturna no ambiente rural ou semi-rural. As noites sem luar formavam o ambiente propício ao desenvolvimento do imaginário e, estimulado pelo medo, ao aparecimento de seres estranhos e de toda sorte de malefício. As assombrações e os lugares assombrados tornavam-se elementos comuns, presentes no imaginário coletivo observados e registrados por diversos escritores da região.

Nesse sentido, como defende o historiador Carlo Ginsburg em “O Queijo e os Vermes” a cultura popular tem expressão própria. Não se liga totalmente à cultura erudita que lhe é imposta, nem mesmo a cultura original que resistiu ao processo de aculturação. A valorização do mental, do imaginário deu sentido ao desenvolvimento da História das Mentalidades ao demonstrar o papel das idéias e dos sentimentos na conservação ou criação de mundos sociais distintos, ao indicar como o mental participa da criação do social. A História Cultural, como um todo, indica as diversidades sociais das experiências históricas e, por conseguinte, as diversidades culturais.

Por outro lado, o processo de apropriação, como explicou mais tarde Roger Chartier, resulta em formas de representação própria, original. No caso estudado, formada pelas práticas culturais e transmitidas pela tradição oral.

É significativo observar enfim, o fenômeno da reciprocidade entre os dois níveis: o popular e o erudito. Os literatos, guardiões da cultura da elite ao tomar contato com outro nível de cultura, registram o caráter, por vezes fantástico, existentes nos contos populares e acabam por introduzir em seus escritos e crenças pessoais. É o caso do positivista Euclides da Cunha que conheceu o povo e suas histórias e foi, como afirmou: “invadido pelas crenças ingênuas dos caipiras”. Ou, como escreveu Monteiro Lobato, colocando suas palavras na fala de seu personagem Tio Barnabé: “saci é uma coisa que eu juro que existe... Eu, por exemplo, já vi muitos.”

As assombrações continuam existindo. Estão vivas e atuantes no imaginário popular, junto aos contadores de histórias, guardiões das mais ricas tradições e podem ser encontradas nos textos importantes literatos da região.

## Referências:

### Bibliográfica

- ADDEO, Walter Cezar. *Houve uma vez uma Província*. In Revista Ângulo, no. 124, março de 2011. Lorena: FATEA, p. 39-422.
- ALVES, Henrique L. *De Lorena a Imortalidade. 50 cartas de Euclides da Cunha*. Revista da Faculdade Salesiana de Lorena, no24, ano: 1975, p. 92-132.
- AMARAL LAPA, José Roberto do. *A Economia Cafeeira*. Col. Tudo é História, vol 72. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- AZEVEDO, Nelson de. *Euclides da Cunha em São José do Barreiro*. In PASIN, José Luiz (org.). *O outro Euclides: o Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba – 1902-1903*. Lorena: Unisal, 2002, p. 227- 230.
- BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História. Especialidade e Abordagem*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BURKE, Peter. *O Que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.
- CAMARGO, Conceição Borges Ribeiro. *Euclides da Cunha em Aparecida do Norte*. . In PASIN, José Luiz (org.). *O outro Euclides: o Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba – 1902-1903*. Lorena: Unisal, 2002, p. 37-46.

- CARVALHO, Benedito Geraldo de. *Euclides da Cunha e a cidade de Queluz*. In PASIN, José Luiz (org.). *O outro Euclides: o Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba – 1902-1903*. Lorena: Unisal, 2002, p. 201-208.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente – 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GUIMARÃES, Ruth. *Os Filhos do Medo*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1950
- MILLIET, Sérgio. *Roteiro do Café e outros ensaios*. 4ª ed. , São Paulo: Editora Hucitec, 1982.
- MIRANDA ALVES, José de. *Euclides da Cunha em Silveiras*. . In PASIN, José Luiz (org.). *O outro Euclides: o Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba – 1902-1903*. Lorena: Unisal, 2002, p. 253-262.
- MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Cidades Mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- MOTTA SOBRINHO, Alves. *A Civilização do Café (1820-1920)*. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- Euclides da Cunha – funcionário público modelo*. In PASIN, José Luiz (org.).
- MULLER, Nice Lecocq. *O fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba - São Paulo*, Rio de Janeiro. IBGE. 1969.
- PASIN, José Luis (org.). *O outro Euclides: o Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba – 1902-1903*. Lorena: Unisal, 2002.
- PENA, Luís. *Euclides da Cunha em Areias*. In PASIN, José Luiz (org.). *O outro Euclides: o Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba – 1902-1903*. Lorena: Unisal, 2002, p. 47-53.
- PRUDENTE, H.; SANCHES, F.; SODERO TOLEDO, F. *Estrada Real: O Caminho do Ouro*. Aparecida: Editora Santuário, 2006.
- RAMOS, Agostinho. *Reminiscências da presença de Euclides da Cunha em Cachoeira*. In PASIN, José Luiz (org.). *O outro Euclides: o Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba – 1902-1903*. Lorena: Unisal, 2002.
- SAINT HILAIRE, A. *Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo*. São Paulo. Tradução e introdução de Afonso de E. Taunay. Col.Biblioteca Histórica Paulista, Vol. VI, 2ª. ed. São Paulo: Martins Editora, 1954.
- SERENO, Eugênia. *O Pássaro da Escuridão*. 4ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SODERO TOLEDO, Francisco. - *Outros Caminhos. Vale do Paraíba: do regional ao internacional, do global ao local*. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.
- *Euclides da Cunha em Lorena*. In PASIN, José Luiz (org.). *O outro Euclides: o Engenheiro Euclides da Cunha no Vale do Paraíba – 1902-1903*. Lorena: Unisal, 2002, p. 149-162.
- *Estrada Real: Caminho Novo da Piedade*. Campinas: Editoria Átomo-Alínea, 2010.

#### **Webbliográfica:**

- *Escritores valeparaibanos*. <http://www.jornalolince.com.br/galeria/escritores/>. Obtido em 11/06/2011.
- *Somos Todos Sacys – documentário. Confraria Produções*. <http://www.vimeo.com/11609651> - Obtido em 08/05/2011
- *Sacy Pererê na versão de Monteiro Lobato*. [http://ifolclore.vilabol.uol.com.br/lendas/gerais/g\\_saciML.htm](http://ifolclore.vilabol.uol.com.br/lendas/gerais/g_saciML.htm). Obtido em 08/05/2011
- *S/a. Os contos populares de assombração como resignificadores da vida cotidiana em Caldas, Minas Gerais: uma análise sobre a cultura popular (1990-2009)*. <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XX%20Encontro/Pain%E9is/Marcelo%20Elias%20Bernardes.pdf>. Obtido em 08/06/2011